

Richard Bach ilusões

tradução de
Luzia Machado da Costa

38ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

Uma pergunta que me foi feita mais de uma vez, depois de ter publicado *Fernão Capelo Gaivota*: “O que você vai escrever agora, Richard? Depois de *Fernão Capelo*, o quê?”

Respondia então que não era obrigado a escrever mais nada, nem uma palavra; todos os meus livros juntos diziam tudo quanto eu gostaria de dizer. Depois de ter passado fome por algum tempo, ter vendido o carro e esse tipo de coisa, era divertido não ter de trabalhar até a meia-noite.

Não obstante, todos os verões eu ia em meu antigo bimotor para os mares das campinas verdejantes do Meio-Oeste dos Estados Unidos, levava passageiros para passeios de três dólares e começava a sentir de novo uma velha tensão — ainda havia alguma coisa a dizer.

Não gosto nada de escrever. Se conseguir dar as costas a uma ideia, deixando-a miando lá fora no escuro, sem lhe abrir a porta, então nem peço no lápis.

Mas, de vez em quando, em vez do miado, ouço uma grande explosão, como de dinamite, de cacos de vidro e tijolos na parede da frente; então, alguém passa por sobre os escombros e me agarra pelo pescoço, dizendo calmamente: “Não o largarei até que me ponha no papel, em palavras.” Foi assim que vim a conhecer *Ilusões*.

No Meio-Oeste, eu ficava deitado de costas, treinando o método mental de fazer as nuvens desaparecerem, e não conseguia parar de pensar na história...

E se aparecesse alguém que fosse realmente bom nesse negócio, que me pudesse ensinar como o meu mundo funciona e como controlá-lo? E se pudesse conhecer um ser muito evoluído... e se um Sidarta ou um Jesus chegasse aos nossos dias, com poder sobre as ilusões do mundo porque conhecia a realidade por trás delas? E se pudesse conhecê-lo pessoalmente, se ele estivesse pilotando um bimotor e pousasse na mesma campina em que eu estivesse? O que ele diria, como seria ele?

Talvez não se parecesse com o Messias nas páginas manchadas de óleo e com cheiro de capim do meu diário; talvez não dissesse nada do que aparece neste livro. Mas, por outro lado, as coisas que me contou: que magnetizamos para nossas vidas tudo o que encerramos em nosso pensamento, por exemplo — se isso é verdade, então, de algum modo, consegui chegar a este momento por algum motivo, e você também. Talvez não seja coincidência o fato de você estar com este livro na mão; pode ser que haja nessas aventuras alguma coisa que o fez vir até aqui. Prefiro pensar assim. E prefiro pensar que o meu Messias está postado lá fora em alguma outra dimensão, nada ficcional, olhando para nós dois, e rindo por estar acontecendo exatamente o que planejáramos que acontecesse.



1

1. Houve um Mestre que veio à Terra, nascido na terra santa de Indiana, criado nos montes místicos a leste de Forte Wayne.
2. O Mestre aprendeu sobre este mundo nas escolas públicas de Indiana e, enquanto crescia, em seu ofício de mecânico de automóveis.
3. Mas o Mestre tinha conhecimentos de outras terras e outras escolas, de outras vidas que vivera. Lembrava-se disso, e, assim sendo, tornou-se sábio e forte, de modo que outros viram a sua força e vieram procurá-lo, em busca de conselhos.

4. O Mestre acreditava que tinha o poder de ajudar a si mesmo e a toda a humanidade, e, acreditando, assim era para ele, de modo que outros viram o seu poder e o procuraram para se curar de seus problemas e suas doenças.

5. O Mestre acreditava que é um bem para qualquer homem considerar-se filho de Deus, e, acreditando, assim era. Então, as oficinas e garagens em que trabalhava se apinhavam com aqueles que buscavam seu conhecimento e o contato com ele, enquanto as ruas lá fora enchiam-se daqueles que somente ansiavam que a sombra de sua passagem caísse sobre eles, modificando suas vidas.

6. Resultou que, por causa das multidões, os vários contramestres e chefes das oficinas pediram ao Mestre que

largasse as ferramentas e seguisse o seu caminho, pois a aglomeração era tal que nem ele nem os outros mecânicos tinham espaço para trabalhar nos automóveis.

7. É assim foi que ele seguiu para os campos, e as pessoas que o seguiam começaram a chamá-lo de Messias e fazedor de milagres; e, como eles acreditavam, assim era.

8. Se ocorria uma tempestade enquanto ele falava, nem uma gota tocava a cabeça de seus ouvintes; o último da multidão ouvia suas palavras tão claramente quanto o primeiro, qualquer que fosse a intensidade dos raios ou trovões no céu. É sempre lhes falava em parábolas.

9. E lhes disse: "Dentro de nós repousa o poder de nosso consentimento para a saúde e a doença, a riqueza e a pobreza, a liberdade e a escravidão. Somos nós que controlamos essas coisas, e não outros."

10. Um moleiro disse: "Essas palavras são fáceis em tua boca, Mestre, pois és guiado e nós não, e não precisamos trabalhar como nós. O homem tem de trabalhar para ganhar a vida neste mundo."

11. O Mestre respondeu: "Uma vez havia uma aldeia de criaturas no fundo do leito de um grande rio cristalino.

12. "A corrente do rio passava silenciosamente por cima de todos eles, jovens e velhos, ricos e pobres, bons e maus, a corrente seguindo o seu caminho, só conhecendo o seu próprio ser cristalino.

13. "Cada criatura, a seu modo, agarrava-se fortemente às plantas e pedras do leito do rio, pois agarrar era o seu modo de vida, e resistir à corrente era o que cada um tinha aprendido desde que nascera.

14. "Mas, por fim, uma das criaturas disse: 'Estou cansado de me agarrar. Embora não possa ver com meus próprios olhos, espero que a corrente saiba para onde está indo. Vou soltar-me e deixar que ela me leve para onde quiser. Se me agarrar, morrerei de tédio.'

15. "As outras criaturas riram e disseram: 'Louco! Se você se soltar, essa corrente que adora o lançará despedaçado sobre as pedras, e terá uma morte mais rápida do que a causada pelo tédio!'

16. "Mas ele não lhes deu ouvidos. Respirando fundo, soltou-se e imediatamente foi lançado sobre as pedras e despedaçado pela corrente!"
17. "Mas, com o tempo, como ele se recusasse a tornar a se agarrar, a corrente o levantou, livrando-o do fundo, e ele não se machucou nem se magoou mais."
18. "E as criaturas mais abaixo no rio, para quem ele era um estranho, exclamaram: 'Vejam, um milagre! Uma criatura como nós, e no entanto voa! Vejam, é o Messias que chegou para nos salvar!'"
19. "E aquele que foi carregado pela corrente disse: Não sou mais Messias do que vocês. O rio tem prazer em nos erguer à liberdade, se ousamos nos soltar."

O nosso verdadeiro trabalho é essa viagem, essa aventura.'

20. "No entanto, cada vez exclamavam mais 'Salvador!', enquanto se agarravam às pedras; quando tornaram a olhar, ele já se fora, e então ficaram sozinhos, inventando lendas sobre um Salvador."
21. E aconteceu que, ao ver que a multidão cada vez o seguia mais de perto, mais arrebatada do que nunca, quando viu que insistiam para que os curasse sem descanso, e sempre os alimentasse com seus milagres, e aprendesse por eles e vivesse suas vidas, foi sozinho para o topo de um morro e rezou.
22. E disse em seu íntimo: Ser Infinito Radioso, se for a Tua vontade, deixa que esta taça

passa de minhas mãos,
deixa-me pôr de lado esta
tarefa impossível. Não posso
viver a vida de uma outra alma,
no entanto dez mil me
imploraram a vida. Lamento ter
permitido que tudo isso
acontecesse. Se for a Tua
vontade, deixa-me voltar aos
motores e às ferramentas e
viver como os outros homens.

23. E uma voz lhe falou no topo do morro, uma voz que não era nem de homem nem de mulher, nem forte nem fraca, uma voz infinitamente bondosa: "Não a Minha vontade mas a tua seja feita. Pois o que for a tua vontade será a Minha vontade para ti. Segue o teu caminho como os outros homens e sê feliz na Terra."

24. Ouvindo aquilo o Mestre alegrou-se, deu graças e

desceu do morro cantarolando uma cançãozinha de mecânico. E quando a turba o atormentava com seus males, implorando que os curasse, aprendesse por eles, os alimentasse constantemente com sua compreensão e os divertisse sempre com suas maravilhas, ele sorriu para a multidão e disse, amavelmente: "Eu desisto."

25. Por um momento a multidão ficou muda de espanto.

26. E ele lhes falou: "Se um homem dissesse a Deus que a coisa que mais desejava era auxiliar o mundo sofredor, fosse qual fosse o preço para si, e Deus lhe respondesse o que devia fazer, o homem deveria cumprir o que lhe era ordenado?"

27. "Pois claro, Mestre!",
exclamaram. "Devia considerar
um prazer sofrer as torturas do
próprio inferno, se Deus lhe
pedisse!"

28. "Não importa quais fossem
essas torturas, nem a
dificuldade da tarefa?"

29. "Seria uma honra ser enforcado,
uma glória ser pregado a uma
árvore e queimado, se fosse
isso que Deus pedisse", disseram
eles.

30. "E o que fariam vocês,
perguntou o Mestre à multidão,
"se Deus lhes falasse
diretamente, em pessoa e
disse: 'ORDENO QUE SEJAS
FELIZ NO MUNDO, ENQUANTO
VIVERES.' O que fariam então?"

31. É a multidão calou-se, não se ouvindo sequer uma voz ou som sobre os morros e através dos vales.

32. É o Mestre disse em meio ao silêncio: "No caminho de nossa felicidade encontraremos o conhecimento para o qual escolhemos esta vida. É assim que aprendi hoje e prefiro deixá-los agora para seguirem o seu caminho como desejarem."

33. É seguiu o seu caminho no meio da multidão, voltando ao mundo cotidiano dos homens e dos motores.